

A I República no Concelho da Sertã

1910-1926

A Sertã durante o Liberalismo



“Está situada a villa da Sertã na extremidade occidental da província da Beira Baixa, (...) rodeada d’elevados montes, que formam uma espécie de bacia, é no fundo d’esta, que ella tem seu assento: principiando na confluência de duas ribeiras, que a banham, uma a oeste, chamada de Amioso, e outra a leste, maior e bastante caudalosa, chamada do Estreito [hoje conhecida como ribeira grande ou da Sertã]. (...) Tem um aspecto triste por effeito das ruas, em geral estreitas, tortuosas, faltas de limpeza, e algumas guarnecidas de casas toscamente construídas, muitas desmoronadas, e outras prestes a isso. (...) Mas tem todavia melhorado muito esta villa, com a construção de boas calçadas nas suas ruas principaes, e alveijamento das casas nellas situadas.”

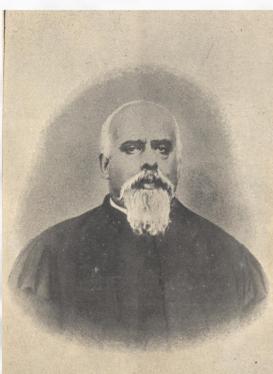
*Descrição Topographica da Villa da Sertã,
Fernando Bartolomeu (1874)*

Na segunda metade do século XIX, a vila e o concelho assistiram à construção de vários empreendimentos:

- _ Municipalização da barca de passagem do Rio Zêzere para Figueiró dos Vinhos (1868)
- _ Construção de estrada municipal que ligou a Sertã à Portela do Outeiro (1871);
- _ Regularização e arborização do Largo da Carvalha (1875);
- _ Novo mercado (1889 – situado naquilo que é hoje a Praça da República);
- _ Construção de novo cemitério (1899);
- _ Abastecimento de água potável à vila (até 1887, quase toda a população se servia da água da Fonte da Boneca – conhecida naquele tempo por fonte do Almojarife);
- _ Iluminação pública em Cernache do Bonjardim (1892);
- _ Construção da estrada real que ligava os concelhos da Sertã a Tomar, com passagem por Cernache e Ferreira do Zêzere (iniciada em 1880 e concluída em 1883);
- _ Ampliação do edifício dos Paços do Concelho (1876);
- _ Chegada do telégrafo eléctrico (1876)



Peditório em favor das vítimas do terramoto de Benavente, em 1909. Fotografia de Olímpio Craveiro.



Biografia

Guilherme Nunes Marinha

Nasceu em Pedrógão Pequeno, concelho da Sertã, no ano de 1840, filho de um ilustre juriconsulto, Francisco José Nunes Marinha. Casou com Maria Amália de Sande, em 1871 e teve dez filhos. Apesar desta linhagem, não possuía qualquer fortuna, necessitando do seu trabalho de advogado para subsistir. De 1868 a 1906, ocupou sempre lugares de destaque político na Sertã: entre 1868 e 1869, foi Vereador da Câmara Municipal (a “Vereação dos Bacharéis”); e foi também administrador do Concelho em vários períodos: de 1871 a 1877; de 1878 até 1887; de 1890 a 1894 e ainda por mais duas vezes, no ano de 1900 até 1904 e no ano de 1906. Morre em 1906, vítima de doença.

A Sertã durante o Liberalismo

Os ecos do Ultimato inglês de 1890 faziam fervilhar toda a classe política e o clamor da revolta por aquilo que a maioria considerava ser um “ultraje” fazia-se ouvir por todo o país e até na Sertã a imprensa periódica não escondeu o seu descontentamento. Abílio Marçal também não calou a sua revolta e nas páginas do “Echo da Beira”, elegeu como figura a abater o conselheiro Baima Bastos, deputado eleito desde 1865 pelo círculo que incluía a Sertã, assim como os executivos camarários de índole monárquica.

As críticas aos executivos municipais continuaram, o que evidencia a colagem destes jornais (“Certaginense” e “Echo da Beira”) aos ideais republicanos. A disseminação destes ideais pelo concelho era feita em artigos críticos ao regime que vigorava nesta altura.

Entre 1898 e 1900 eram frequente as trocas de palavras entre os colunistas e a vida política do país e da vila servia de pano de fundo à maioria desses artigos, carregados de ironia e sarcasmo. Na “Gazeta das Províncias”, ficou célebre o conjunto de versos que Augusto Rossi dedicou a Abílio Marçal e que baptizou de «*Marçalinas*».

«*A Inglaterra desafiou-nos; desafiemos a Inglaterra. Não nos deve intimidar a nossa pequenez; a razão dá-nos a força precisa para lutar contra a tyrania inglesa. Visto que Portugal foi ferido nos seus direitos, não trepidemos em legitimar esses direitos, seja por que meios for, até se fazer entrar na ordem a traiçoeira e vil Inglaterra*».

Fernando Mendes , in Certaginense, de 9 de Janeiro de 1890

«*Esta manhã toda a Lisboa foi sobressaltada com as notícias da deplorável solução do conflicto, dado pelo governo, (...) o que se acaba de passar, por parte do ministério, é infame e começa a agitar a opinião pública. (...) Tudo isto é miserável, tudo isto é revoltante, e espera-se a cada momento que rebente uma revolução que arraste consigo ministério, throno e tudo*».

Abílio David, in Certaginense, de 16 de Janeiro de 1890

MARÇALINAS

I

O jornalista Marçal
a perguntar-me se atreve
com quantos *rr* se escreve
nome de certo animal.

Já sei que estava a mangar
quando tal me perguntou
houve alguém que me afirmou
que o *doutor* sabe assignar.

MARÇALINAS

II

Do nosso bom amigo, o *grande*, o tal Marçal,
Ha dias recebemos esta carta:
— «*Amigo*. Haja por lá saúde á farta,
Que isto por cá vae indo menos mal,
Não fallando n'um caso singular
Que muito me tem feito apouquentar.
Você conhece, como toda a gente,
Aquella bossa para o jornalismo
Que eu tive sempre desde o feudalistão
E que causava pasmo ao Gil Vicente,
Ao bom Petrarcha, ao Dante e ao Longino
Bem como ao meu bom *mestre* — o Rosalino.
Pois agora, *amigo*, oh! cruel sorte!!
De todo me faltou a inspiração.
Ao meu appello a bossa diz que não.
Peor que isto eu só conheço a morte!
E como hei de eu encher o meu jornal
Ainda hoje o melhor de Portugal?!
Portanto descomponha-me a valer
Pois n'isso me fará grande favor.
Notarei erros do compositor
Já que nada de si posso dizer.
Assim o meu *papel* irei enchendo
E a *massa* aos assignantes recebendo.»
N'este ponto o papel vinha molhado,
Como se lagrima houvesse alli tombado.
Causa-nos dó, coitado, eis a razão
Por que ainda d'elle nos occupamos.
Far-lhe-hemos a vontade; assim julgamos
Mer'cer o céu como compensação.

MARÇALINAS

III

Sabem que motivo tem
Aquelle homem bem córado,
Que ahí passeia de trem,
Para andar tão desmaiado?

Mas que profundas olheiras
D'um bistro tão carregado!
Até tem outras maneiras!
Trará elle *mau olhado*?

Toda a gente da Certã
Pergunta: — «porque será?»
Uma razão pura e sã
Nós sabemos. Oíçam lá:

Não traz cahida a *espinhela*
Nem *mau olhado* lhe deram;
A causa de tal *mazella*
Foi medo que lhe metteram.

Apontando-lhe o Marinha
De *lappos** *magna caterwa*,
Disse estar mui córadinha
E bem zangada a Minerva.

Diz-lhe agora muita gente
Que p'ra hem o castigar
A tal deusa brevemente
As *cartas* lhe vae buscar.

Elle quer ser deputado,
Camarista e regedor,
Sobre tudo, ser chamado
Por todos — *senhor doutor*.

E se a deusa lhe tirar
Tal padrão do seu valor,
Ninguem lhe torna a fallar,
A ninguem se póde impôr.

Em tal coisa lhe lembrando,
Tem a mesma sensação
Que a creança em lhe gritando:
Fuja, lá vem o papão.

Biografia

Domingos Tasso de Figueiredo

Nascido na Sertã a 13 de Janeiro de 1852, iniciou a sua vida militar com um curso de preparatórios em Lisboa, tendo sido nomeado aspirante extraordinário da Armada a 12 de Novembro de 1867. A 2 de Julho de 1870, concluiu de forma brilhante o curso da Escola Naval e em 1874, inscreve-se no curso de engenheiro hidrógrafo. Prestou vários serviços ao Monte-Pio Geral, associação de que foi sócio nos anos de 1888 e 1889, assim como, na Sociedade de Crédito dos Funcionários Públicos, onde fez parte dos corpos gerentes e na Cruz Vermelha Portuguesa, sendo sócio desde 1888 e presidente em 1911. Na política, foi eleito deputado à Assembleia Nacional Constituinte de 1911, pelo círculo de Castelo Branco, passou em seguida a fazer parte do Senado, do qual foi vice-presidente.

Na Sertã, deve-se-lhe a construção de escolas nas freguesias do Nesperal, Ermida, Castelo, Cabeçudo, Palhais e Várzea dos Cavaleiros, sendo as últimas quatro destinadas a crianças do sexo feminino; e ainda a instalação da Guarda Republicana no concelho da Sertã, bem como a autoria dos projectos do Hospital de Nossa Senhora do Carmo, do Cine-Teatro Tasso e do Matadouro, entre outros. Também teve a iniciativa para a construção da linha férrea, ligando o Entroncamento à Sertã, projecto que foi aprovado no Senado em Junho de 1913. Foi Presidente da Comissão Municipal Republicana; vereador da Câmara Municipal entre 1913 e 1915; provedor da Misericórdia de 1911 a 1913 e presidente da Comissão de defesa dos interesses regionais, com sede em Lisboa. Filiado no Partido da União Republicana, em 1912 foi presidente da sua Comissão Central e seu representante parlamentar no distrito de Castelo Branco.

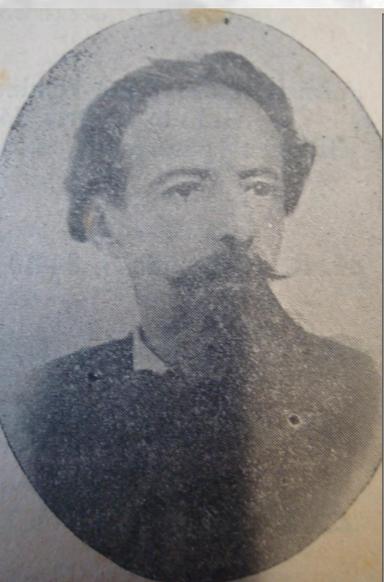
Recebeu ao longo da sua vida inúmeras distinções, entre as quais se destacam: Cavaleiro da Ordem Militar de S. Bento de Avis(1887) e as medalhas de Filantropia e Caridade, uma de cobre (1908) e outra de prata (1913). Faleceu a 4 de Março de 1919, na Sertã.



Eleições de 1908

Depois do regicídio e da queda do governo de João Franco, realizaram-se eleições a 5 de Abril de 1908, para o Parlamento, onde se elegeram 63 regeneradores, 59 progressistas (ainda liderados por José Luciano), 15 independentes *amaralistas*, 7 republicanos, 7 dissidentes progressistas, liderados por José de Alpoim, 3 franquistas, liderados por Vasconcelos Porto, e 1 nacionalista, Jacinto Cândido.

Na Sertã, em 22 de Fevereiro é eleita a vereação da Câmara Municipal onde encontramos elementos que estarão na génese da I República no Concelho: João da Silva Carvalho; Zeferino Lucas de Moura; Emídio de Sá Xavier Magalhães; José Alves Correia; Sebastião Farinha Tavares; José Maria de Alcobia; Joaquim Henriques Vidigal.



Biografia

Zeferino Lucas de Moura

Nasceu em 22 de Maio de 1873, filho de José Pedro Lucas de Moura e de Maria Cristina Pereira Lucas. Casou com Laura de Sande Marinha e licenciou-se em Farmácia pela Universidade de Coimbra, sendo o proprietário e director técnico da Farmácia Lucas, na Praça da República. Passou pelas direcções das várias associações culturais da vila, das quais se destaca o Grémio Sertaginense, onde foi autor das pinturas existentes no salão de Baile e no Cine Teatro Tasso. Foi administrador do periódico "Voz do Povo" e editor do "Correio da Beira". Integrou o governo da Câmara Municipal, como vereador, de 1902 a 1907. De 22 de Fevereiro de 1908 a 29 de Novembro de 1908 também foi eleito vereador. Fez parte da primeira Comissão Administrativa, que entra em funções em 12 de Dezembro de 1910. Foi um dos fundadores do Centro Republicano Tasso de Figueiredo e do partido da União Republicana na Sertã, em 1912. Após as eleições em Novembro de 1913, em que não é eleito, afasta-se da política sertaginense até 1923. No interregno é chamado a fazer parte da "Comissão Auxiliar da Câmara Municipal na Construção dos Paços Municipais". De Janeiro de 1923 a Dezembro de 1925, toma posse como vereador da Câmara Municipal e entre Maio de 1927 e Julho de 1931, foi Presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal. Morreu em 21 de Fevereiro de 1933, com 60 anos.

O 5 de Outubro na Sertã

Os acontecimentos do 5 de Outubro marcaram fortemente a cidade de Lisboa, sem que no interior rural do país se verificassem conflitos, sendo que na maioria dos locais a notícia chegou pelo telégrafo. Infelizmente, os relatos da proclamação da República no nosso concelho apenas se conhecem pelos jornais de circulação nacional.



«Certa, 15: Tomou posse a comissão municipal republicana composta pelos cidadãos dr. José Carlos Ehrhardt (presidente), Zeferino Lucas, Henrique Moura, Luiz Domingues da Silva e Floriano Bernardo de Brito, republicano da velha guarda.

A primeira sessão realizou-se no dia 14, assistindo muitos munícipes. Pelo presidente foi proferido um vehemente discurso, frisando bem que com o novo regímen terminou o favoritismo e o compadrio, propondo que em comemoração se desse à antiga rua do Valle o nome de Cândido dos Reis e à Praça do Comércio o de Praça da República. Comunicou ainda achar-se o livro de ouro destinado a receber assignaturas dos que adherirem ao regímen, à disposição dos que quiserem assignar.

Respondeu-lhe num patriótico discurso o distincto causídico dr. Abílio Marçal que findou erguendo vivas à pátria, à República, à Armada, ao exército, ao vice-almirante Tasso de Figueiredo, de quem salientou o seu grande patriotismo.

Foi esta villa a primeira terra do districto onde foi hasteada a bandeira encarnada e verde.

A comissão municipal faz-se representar nos funeraes de Cândido dos Reis e dr. Miguel Bombarda pelo vice-almirante Tasso de Figueiredo, director geral da Marinha.»

Jornal “A Lucta”, de 17 de Outubro de 1910

«Certã: Desde o dia 5 que aqui não se tem recebido jornais nem tampouco correspondências particulares dessa cidade [Lisboa]. N’aquela dia trouxeram-nos os jornais do dia 4 a notícia de um princípio de levantamento revolucionário nessa cidade e, desde então para cá, aguardavam-se informações sobre os acontecimentos.

Hontem [dia 6 de Outubro] à chegada do carro do correio, é que vieram notícias de Thomar, dando a República como implantada e o nome do presidente e membros do governo provisório, o que causou grande regozijo em todo o povo. Pelas 11 horas da noite, ao confirmar-se a notícia, a Philharmonica Patriótica, com grande massa de povo à frente, percorreu as ruas d’esta villa, levantando-se muitos vivas à república e subindo no ar muito foguetes.

Reina grande socego e em algumas casas vêem-se bandeiras.»

Jornal “O Século”, de 9 de Outubro de 1910

«Certã, 8: Pelas 10 horas da noite de 6 [de Outubro], um grupo de populares com os srs. Drs. José Carlos Ehrhardt, Tasso de Figueiredo, Zeferino Lucas, Luiz Domingues da Silva, Carlos Figueiredo, Henrique e Alberto Ehrhardt içou a bandeira encarnada e verde na Câmara Municipal, que foi acolhida com uma estrondosa salva de palmas e muitos foguetes e percorreu com uma philharmonica as ruas da vila, levantando muitos vivas à República, armada e exército, que eram delirantemente aplaudidos.»

Jornal “A Lucta”, de 11 de Outubro de 1910

«Sernache do Bonjardim: A Philharmonica desta localidade tem percorrido as ruas tocando no meio do maior entusiasmo o hymno do regimen e dando vivas à pátria e à república. Hoje, no Colégio das Missões Ultramarinas, foi, por determinação expontânea do seu superior acrcediago dr. Manuel Anaquim, e promovendo a adesão de todo o corpo docente, içada a bandeira republicana, perante a qual a referida philharmonica, acompanhada de muitos populares, foi fazer uma calorosa manifestação, saudando freneticamente a pátria e o novo regime.»

Jornal “O Século”, de 12 de Outubro de 1910

Cronologia da implantação da I República na Sertã

1910

- **De Fevereiro a Maio** – publica-se o Semanário “Eco da Beira”, sob a direcção de Abílio David.
- **6 de Outubro** – proclama-se a República na Sertã, com aplausos do povo e desfiles das Filarmónicas. Em Cernache do Bonjardim também houve comemorações, com arruadas da Filarmónica e o hastear da bandeira no Seminário.
- **10 de Outubro** - José Carlos Ehrhardt toma posse do cargo de Administrador
- **14 de Outubro** - primeira sessão da Comissão Municipal, composta por José Carlos Ehrhardt, Zeferino Lucas de Moura, Joaquim Ciriaco dos Santos, Luiz Domingues da Silva, Henrique Pires de Moura e Floriano Bernardo de Brito.
- **Novembro** – funda-se a Comissão de Defesa dos Interesses do Concelho da Sertã, composta de republicanos sertaginenses moradores em Lisboa.
- **1 de Dezembro** – sai o 1.º número do semanário “Voz do Povo”, com a direcção de António Augusto Rodrigues.
- Fundação do Centro Republicano Tasso de Figueiredo e o Centro Dr. Santos Valente (impugnado em Dezembro de 1910 pela Comissão Municipal Republicana), na Sertã; e ainda do Centro Republicano Cândido dos Reis em Pedrógão Pequeno e outro em Cernache do Bonjardim.

1911

- **29 e 30 de Janeiro** – visita de Cupertino Ribeiro, delegado do Directório, à Sertã e a Pedrógão Pequeno para colmatar a inimizade entre os centros republicanos destas vilas.
- **11 de Março** – eleições para a nova Comissão Administrativa Municipal, sendo eleitos Domingos Tasso de Figueiredo (Presidente), acompanhado de José Carlos Ehrhardt, Floriano Bernardo de Brito, Zeferino Lucas de Moura, Luiz Domingues da Silva Dias e dos suplentes, Joaquim Ciriaco Santos, Henrique Pires de Moura, João da Silva Carvalho, Emídio de Sá Xavier Magalhães e José Januário da Conceição e Silva.
- **Março** – Eleições em todas as freguesias para as Comissões Paroquiais, à excepção de Pedrógão Pequeno, que é eleita no comício de 23 de Abril, tendo José Arnauth como presidente.
- **18 e 19 de Abril** – revolta de estudantes no seminário de Cernache do Bonjardim.
- **14 de Maio** – Comício na Sertã, com a presença do Governador Civil, Augusto Barreto
- **28 de Maio** – eleitos como deputados da Assembleia Nacional Constituinte Domingos Tasso de Figueiredo, José Nunes da Matta e Manuel Martins Cardoso, pelo círculo de Castelo Branco
- **25 de Agosto** - nomeados como membros do Senado Domingos Tasso de Figueiredo (vice-presidente) e José Nunes da Matta.
- **5 de Outubro** – festejos do 1.º aniversário da República Portuguesa



Sociedade Musical Recreio Artista. Fotografia de Olímpio Craveiro.



Biografia

José Carlos Ehrhardt

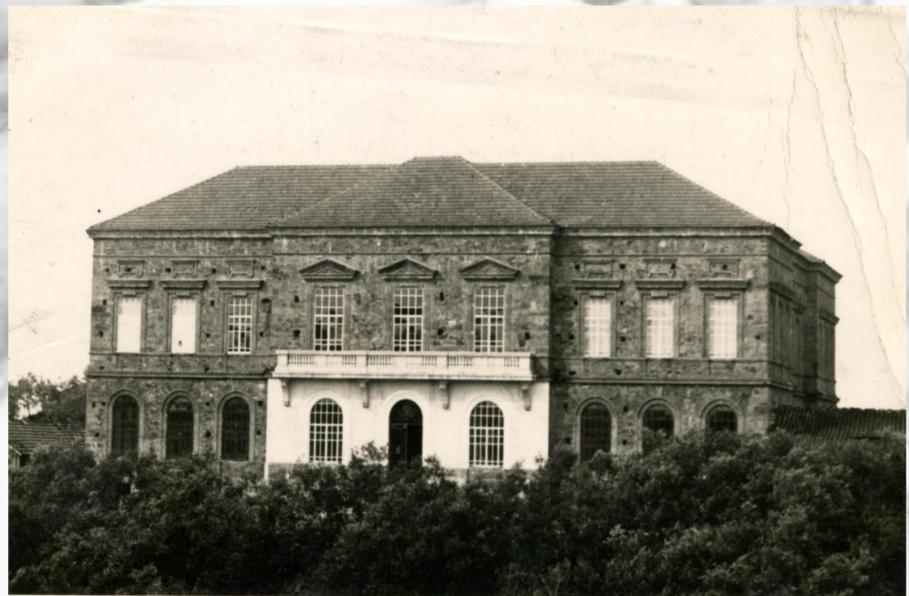
Nasceu na Póvoa de Varzim em 23 de Junho de 1866. Formou-se, ainda no Porto, na Escola Médica, local onde aprendeu a profissão que viria a exercer no concelho da Sertã, a partir de 1891. Republicano desde os tempos universitários, usou da sua influência na vida pública sertaginense, onde se destacou como administrador do concelho, entre 10 de Outubro de 1910 e 1912; foi um dos mentores da implantação da República na Sertã, fazendo parte da primeira Comissão Municipal Republicana; apoiou a construção do “Grémio Sertaginense” e a do hospital de Nossa Senhora de Carmo. Esteve também envolvido na difusão das escolas móveis no concelho; na fundação do jornal “A Comarca da Sertã” e da Eléctrica Sertaginense, em 1923. No dia 5 de Março de 1956 faleceu na Sertã.



Edifícios Públicos da I República na Sertã



O Mercado Bittencourt em Cernache do Bonjardim, assim baptizado em homenagem ao governador do Estado do Amazonas, o Sr. A. Ribeiro Bittencourt, foi inaugurado a 2 de Julho de 1916. A construção iniciou-se com o contributo de Joaquim de Paula Antunes, emigrante em Manaus, no valor de 6.000 escudos, entregando-a depois ao Clube Bonjardim, que a ampliou e melhorou, com o aval da Câmara municipal, arrendando o edifício a Joaquim Nunes da Silva e José Antunes Duarte, com o fim exclusivo de mercado público. Uma das originalidades foi a distribuição de prémios aos expositores de produtos, incentivando o aumento da qualidade e a concorrência no mercado.



Depois do incêndio no edifício dos Paços do Concelho em 4 de Fevereiro de 1917, iniciaram-se os trabalhos com vista à construção dos novos Paços do Concelho no sítio do Soalheiro, tendo que se abrir uma rua da Praça da República até ao cima da vila, ligando ao Bairro de Santo António. O projecto foi da traça do arquitecto Cassiano Branco, dando-se autorização à Comissão Executiva para começar a expropriar os terrenos em 22 de Dezembro de 1920. Em Novembro de 1922, instala-se a "Comissão Auxiliar da Câmara Municipal na construção dos Paços Municipais e outros melhoramentos", que indica a necessidade de se contrair um empréstimo, deliberando-se, em 2 de Janeiro de 1923, a contracção de um empréstimo no valor de 300.000\$00. A edificação inicia-se em 1926 e é feita por administração directa a cargo da Comissão Executiva, prolongando-se a obra por muitos anos, mas em meados da década de 30 a construção já ia avançada.



Biografia

Luiz Domingues da Silva Dias

Nasceu na Sertã no ano de 1868. Homem determinado e de fortes convicções, emigrou para o Pará, no Brasil, onde enriqueceu, ganhando o respeito e admiração de todos quantos com ele privaram. Casou-se, tinha 43 anos, com Albertina Correia Lima, resultando deste casamento o nascimento de três filhos. Com a implantação da República, assumiu destaque na Comissão Municipal, permanecendo nas rédeas do poder camarário como vereador, entre 1914 e 1917. Nas eleições de Novembro de 1917, assume o cargo de vogal efectivo da Comissão Executiva, que não viria a desempenhar por via da demissão deste órgão. Desempenhou ainda importantes cargos na vida social e cultural da vila: presidente do Montepio Sertaginense, provedor da Santa Casa da Misericórdia, director da Filarmónica União Sertaginense, membro da Comissão Promotora do edifício do Grémio Sertaginense, e mais tarde director desta mesma associação. Foi ainda colaborador assíduo do jornal "Certaginense" e fundou, juntamente com José Carlos Ehrarhdt, António Augusto Rodrigues e Zeferino Lucas, o semanário "Voz do Povo". Morre em 26 de Novembro de 1919, tinha apenas 51 anos.

Grémio Sertaginense/Teatro Tasso



A inauguração desta colectividade aconteceu a 25 de Janeiro de 1888: «*De feito a inauguração do «Club Certaginense», empreendimento de maior alcance para a sociedade culta da terra, ficará como sendo um dos maiores acontecimentos da sua história»*, podia ler-se no "Jornal da Certã", de 29 de Janeiro de 1888. Nos primeiros tempos, o Grémio funcionou "num vasto casarão" (imóvel arrendado e pertença do Visconde de Aguireira), junto à Praça do Comércio (hoje Praça da República), tendo em 1913 começado as obras do edifício que ainda hoje é a sua sede. A sua inauguração aconteceu a 25 de Julho de 1915.

O teatro, integrado neste edifício, foi baptizado com o nome de Tasso, em honra do reputado actor nacional José Tasso, tio de Domingos Tasso de Figueiredo. Na década de 1930, o espaço sofreu obras, tendo em vista a adaptação para exibição de filmes. Ao longo dos anos, o Grémio Certaginense (hoje Clube da Sertã) dotou-se de uma rica biblioteca e de um dedicado museu, tendo desempenhado sempre um papel importantíssimo no fomento da cultura e da educação entre as gentes da vila.



Cerimónia de assentamento da soleira da porta de entrada do Grémio, em 1913, onde se destaca Zeferino Lucas de Moura. Fotografia de Olímpio Craveiro.



Grupo cénico que representou a Comédia "Deputado Independente", aquando da inauguração do Teatro Tasso

Clube Bonjardim/Teatro Taborda

A chegada

A entrada de Taborda e Keil em Sernache foi decerto uma das manifestações mais carinhosas e sympathicas.

A's cinco horas da manhã de sexta feira partiu para os Valles a commissão dos festejos, acompanhada d'outros cavalheiros que se lhe aggregaram, com o fim de receberem os seus hospedes.

Taborda e Keil haviam chegado na vespera com o nosso amigo João Henriques da Matta, a quem se deve tão honrosa visita e do nosso presado collega da Vanguarda, sr. Ernesto Loureiro, (Spinosa) a quem devemos o obsequio de nos haver acompanhado em todas as festas das quaes foi um amavel chronista.

Depois o almoço que decorreu no meio da maior animação e durante o qual o sr. Loureiro nos leu o primeiro dos seus artigos para a Vanguarda, sincero preito d'homenagem aos artistas que nos alli festejavamos, partiu a caravana para Sernache, onde todos chegaram pouco depois da 1 hora da tarde.

Na altura da Portella d'Oliveira os povos do Brejo vieram ao caminho victoriar os dois artistas, manifestando o seu regosijo por entre o estoirar dos foguetes.

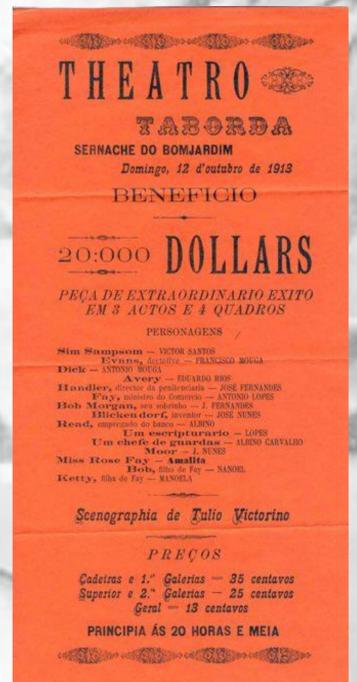
Na Roda estava a philarmónica de Sernache que recebeu os viajantes ao som da *Portuguezia*, o que deveras penhorou o seu auctor.

Extracto do "Echo da Beira", noticiando a chegada de Keil e Taborda a Cernache do Bonjardim.



Fundado a 20 de Fevereiro de 1885, o Clube Bonjardim sempre se assumiu como um baluarte da cultura cernachense, tendo impulsionado ao longo dos anos o desenvolvimento social e artístico da vila que viu nascer Nuno Alvares Pereira.

O Theatro Bom Jardim (designação que adoptou nos primeiros anos) viria a ser inaugurado a 17 de Abril de 1892, domingo de Páscoa, subindo à cena nesse dia as peças «Tio Padre», «Dois Políticos» e os «30 Botões». Esta casa de espectáculos foi rebaptizada para Teatro Taborda, em 1899, depois da histórica vinda do actor Taborda e do compositor Alfredo Keil (autor do hino nacional) a Cernache do Bonjardim, onde realizaram diversas actuações ao longo de quatro dias.



Anúncio de peça teatral no Teatro Taborda, em Outubro de 1913.

Biografia

Virgílio Nunes da Silva

Nasceu a 25 de Janeiro de 1879, no Ventoso Fundeiro. Era o único filho de Joaquim José Nunes da Silva e Ana Conceição da Silva que ficou órfão muito cedo, acabando por ser educado pelo tio mais velho, José Joaquim Nunes da Silva. Formou-se em Direito pela Universidade de Coimbra, e em 22 de Agosto de 1899 casou-se em Cernache, com Maria Amália Marçal Côrrea.

Homem de espírito moderno, liberal, tolerante, desempenhou diversos cargos vida oficial e na vida política e administrativa do concelho da Sertã. Foi sucessivamente vogal da Junta de Freguesia de Cernache do Bonjardim; e após ganhar as eleições de Novembro de 1913, Presidente da Câmara Municipal, entre 1914 a 1917; e também Administrador do Concelho, em 1915. Exerceu o cargo de ajudante do Registo Civil, desde 1910/1911 até 1917, assim como o cargo de encarregado da delegação de Cernache. Foi ainda professor no Instituto das Missões Coloniais; Presidente do Centro do Partido Republicano Português e subdelegado do Procurador da República. Faleceu, com leucemia aguda, em 28 de Dezembro de 1918.



Missões Laicas em Cernache do Bonjardim

Um ano após a implantação da República, foi nomeada, por portaria de 29 de Dezembro de 1911, uma comissão para estudar a situação do Padroado Português do Oriente e para se debruçar sobre as bases da reforma das Missões Ultramarinas e do Colégio situado em Cernache do Bonjardim.

Ao tempo, o Colégio das Missões possuía estatutos e regulamentos completamente ultrapassados e inquisitórios. Por exemplo, os alunos que entrassem neste colégio não poderiam sair antes de acabarem o seu curso e se alguma vez o decidissem fazer, a família teria de pagar 150\$000 réis por cada ano de ensino. Era-lhes ainda vedado o contacto com a família e amigos e as cartas enviadas e recebidas eram alvo da censura por parte do reitor do Colégio. O mau estar causado por estas condicionantes levou à revolta dos estudantes em 18 de Abril de 1911, deixando todas as entidades administrativas em alerta. Perante esta caótica situação e com o advento da República iniciou-se então um movimento de tentativa de reforma do sistema educativo do Colégio, reduzindo-se o curso preparatório, de 6 para 5 anos; criando dois cursos diferentes de três anos cada, sendo um complementar e outro auxiliar e extinguindo-se o Curso de Teologia. Esta é a primeira proposta para a laicização do Colégio das Missões, que se efectivou no decreto de 20 de Abril de 1911, em que o Estado se mantinha neutral em relação às confissões religiosas e se autorizava a reforma dos serviços do Colégio.

Em Abril de 1913, o grande político e chefe do governo republicano Afonso Costa visitou Cernache do Bonjardim com o intuito principal de conhecer o Colégio das Missões e as suas instalações para que melhor ajuizasse as reformas propostas. A insistência de Abílio Marçal junto do governo começava a dar frutos, de tal modo que as missões civilizadoras viriam a ser criadas pelo decreto n.º 233 de 22 de Novembro de 1913. Já o Instituto das Missões Coloniais veio a ser oficialmente reformulado e organizado por decreto de 8 de Setembro de 1917 e regulamentado em 19 de Outubro desse mesmo ano. Estavam assim criadas pela República as Missões Laicas. Esse mesmo decreto previa ainda a publicação de um boletim, o que veio a suceder em Abril de 1920 – o Boletim das Missões Civilizadoras.

As Missões Laicas não sobreviveriam muito tempo após a morte de Abílio Marçal, tendo sido extintas por decreto de 29 de Dezembro de 1926, regressando às mãos da igreja católica, nos primeiros tempos do Estado Novo.



Biografia

Abílio Correia da Silva Marçal

Nascido a 3 de Junho de 1867, em Cernache do Bonjardim, filho de António Côrrea da Silva e Edwiges da Conceição Marçal Côrrea, cursou Direito em Coimbra. Em 1896, casa em Elvas com Angelina Eva Nogueira da Silva. Terminado o curso, volta a Cernache do Bonjardim e abre um escritório de advocacia. Com a implantação da República é chamado a Lisboa para desempenhar diversos cargos políticos: foi eleito deputado, nas listas do Partido Democrático, pelo círculo de Castelo Branco em 1915, 1919, 1921 e 1922; foi Vice-presidente da Câmara dos Deputados em 21 de Junho de 1920 e Presidente da mesma de 2 de Dezembro do mesmo ano até Junho de 1921. Envolveu-se de alma e coração na reforma do Colégio das Missões Ultramarinas, tomando posse, em 1914, no cargo de Director desta instituição.

Na Sertã, foi Administrador do Concelho em 1904, pertencendo ao partido Progressista; e depois, em 1913. Em Novembro de 1917, ganha pelo Partido Democrático, as eleições para a Câmara Municipal, chegando a tomar posse do cargo em Janeiro de 1918; no entanto, com Sidónio Pais no governo, é exonerado das funções e chega mesmo a ser preso em Coimbra.

Encontramos novamente Abílio Marçal como vereador da Câmara Municipal entre 1919 e 1922, exercendo cumulativamente o cargo de Presidente da Comissão Executiva. Foi ainda substituto do Juiz de Direito da Comarca da Sertã em 1916 e 1921 e presidiu a Comissão auxiliar da Câmara Municipal na construção dos Paços do Concelho, em 1922.

A nível cultural, em 1896, junta-se a Abílio David e participa na fundação do jornal "Echo da Beira"; escreve peças para o Teatro Cernachense, em 1883; funda o Clube Bonjardim, fazendo parte da direcção desta associação a partir de 2 de Março em 1915; é presidente da Phylarmonica de Sernache e um dos obreiros da instalação da Guarda Nacional Republicana nesta localidade. Faleceu a 23 de Junho de 1925.



“A Portuguesa” e Pedrógão Pequeno

Alfredo Keil é conhecido como compositor do Hino Nacional “A Portuguesa”. Aquando do episódio do ultimato inglês, Keil animado por desígnios patrióticos, resolve compor, em 1890, a marcha «A Portuguesa» (com letra de Henriques Lopes Mendonça) – ao som da qual, no ano seguinte, os revoltosos de 31 de Janeiro proclamaram a República no Porto. Porém, o tema só volta a ser ouvido em 5 de Outubro de 1910. Em 1911 é adoptada pela nova Constituição como Hino Nacional da República Portuguesa.

Intimamente ligado ao nosso concelho, de tal modo que o jornal “A Comarca da Sertã” na sua edição de 5 de Outubro de 1955 sustenta que ele terá composto «A Portuguesa» na vila de Pedrógão Pequeno, onde passou largas temporadas, preso pelas extraordinárias belezas do Cabril». Sabe-se ainda que «pintou alguns dos seus mais célebres quadros, arte em que foi notabilíssimo, havendo curiosas telas dos pontos mais pitorescos daquela vila e arredores, dignos de verdadeiro apreço». Sabemos que visitou Cernache do Bonjardim em 1899 e que frequentava a casa dos pais do pintor Túlio Vitorino e de José Malhoa, proprietário do “Casulo” em Figueiró dos Vinhos.



Imagem do quadro "Alminhas, que integra a colecção "Tojos e Rosmaninhos", de Alfredo Keil.

Versão oficial de «A Portuguesa»

He-ros do
mar, no-bre po-vo, Na-ção va-len-te, i-mor-
tal Le-van-tai ho-je de no-vo, Des-plen-
dor de For-tu-gal En-tre as bru-mas
da me-mó-ria, ó Pa-tria sen-te-se a voz Dos
teus e-gré-gios a-vós Que há-de gui-ar-te à vi-
tó-ri-a. As ar-mas! as ar-mas! So-bre a
ter-ra so-bre o mar! As ar-mas! as
ar-mas! Se-la Pa-tria lu-tar! Con-tra os ca-
nhões marchar, mar-char!

HYMNO NACIONAL PORTUGUEZ

Heróes do mar, nobre povo,
Nação valente, immortal,
Levanta hoje de novo
O esplendor de Portugal!
Entre as brumas da memoria,
O' patria, sente-se a voz
Dos teus egregios avós,
Que ha-de guiar-te á victoria!

As armas, ás armas! sobre a terra, sobre o mar,
As armas, ás armas! pela patria lutar!
Contra os canhões marchar, marchar!

Desfralda a invicta bandeira,
A' luz viva do teu ceu!
Brade a Europa á terra inteira:
Portugal não pereceu.
Beija o sólo teu jucundo
O Oceano a rugir d'amor,
E o teu braço vencedor
Deu mundos novos ao mundo

As armas, ás armas, etc., etc.

Saudae o sol que desponta
Sobre um ardente porvir;
Seja o echo d'uma affronta
O signal do resurgir.
Raios d'essa aurora forte
São como beijos de mãe,
Que nos guardam, nos sustêm,
Contra as injurias da sorte.

As armas, ás armas, etc., etc.

Túlio Vitorino

Túlio Vitorino nasceu a 14 de Dezembro de 1896, em Cernache do Bonjardim, tendo frequentado a Academia de Belas Artes de Lisboa, onde foi aluno do pintor Columbano e do mestre Marques de Oliveira. Participou em exposições colectivas e individuais, em Portugal e no estrangeiro, de tal modo que as suas principais obras encontram-se expostas em vários museus, designadamente no Museu de Arte Contemporânea (Lisboa) e no Museu Nacional de Machado de Castro (Coimbra).

Foi um homem apolítico, mas por simpatia aos companheiros de jogo, quando esteve a estudar no Porto, envolveu-se na revolução da Traulitada. O monárquico Paiva Couceiro organizou um pequeno exército e fez duas incursões pelo norte transmontano. A primeira um ano depois da instauração da república, que se limitava a hastear a bandeira monárquica em Vinhais e a segunda em 1912, que foi rapidamente neutralizada pelas forças republicanas. Mas os ataques à República persistiram, com o envolvimento activo de parte do clero, e em 1918, a Junta Militar do Norte proclama a Monarquia do Porto. O país ficou dividido em dois: acima do rio Vouga mandava a monarquia permanecendo o sul fiel à República, nunca hasteou a bandeira azul da monarquia. O sonho do regresso à monarquia durou 25 dias de grande terror e violência, que ficou conhecido "pelo Reino da Traulitânia". Os monárquicos aproveitaram o momento para fazer ajustes de contas e desencadear vinganças pessoais, com grande crueldade e violência. Porém, a Monarquia do Norte falhou, por via da falta de apoio do rei D. Manuel, exilado em Inglaterra.

Além da obra de Túlio Vitorino, a vila de Cernache do Bonjardim orgulha-se da sua casa-atelier. Mandada construir pelo pai do pintor (um negociante de cortiça), por alturas da implantação da República, o imóvel segue de «*forma modesta os revivalismos do princípio do século XX, como é patente nas janelas duplas do torreão, coroado por uma grega pintada pelo próprio Túlio Vitorino, ou nas portas interiores encimadas por um arco de ferradura e circundadas por azulejos moçárabes, ou ainda na estrutura de ferro utilizada na sustentação do texto e no janelão do salão onde habitualmente o pintor trabalhava*», pode ler-se numa nota informativa do IPPAR, datada de 1995. Túlio Vitorino viria a falecer a 23 de Março de 1969.



Túlio Vitorino com o filho, Túlio Ticiano, em 1953.

Periódicos Sertaginenses durante a I República

Um dos primeiros actos do governo republicano, instituído pela Revolução de 5 de Outubro de 1910, foi a revogação da lei restritiva da liberdade de imprensa de 11 de Abril de 1907. Assim, as novas leis promoveram uma vaga de criação de novos periódicos, tanto políticos como noticiosos, à qual a Sertã não ficou alheia. Mas passado pouco tempo, introduziram-se pequenas alterações à legislação, de modo a evitar a difusão de informações e ideias contrárias aos seus pontos de vista, quer dos monárquicos, quer da extrema-esquerda e dos anarquistas.

Na Sertã, os jornais desempenhavam um papel imprescindível na difusão das ideias republicanas, servindo como palco onde a opinião política estava sujeita à bitola da reflexão e crítica social.

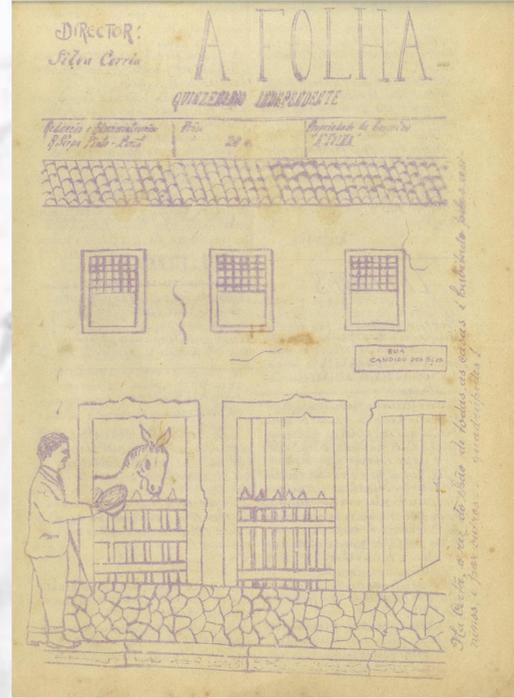
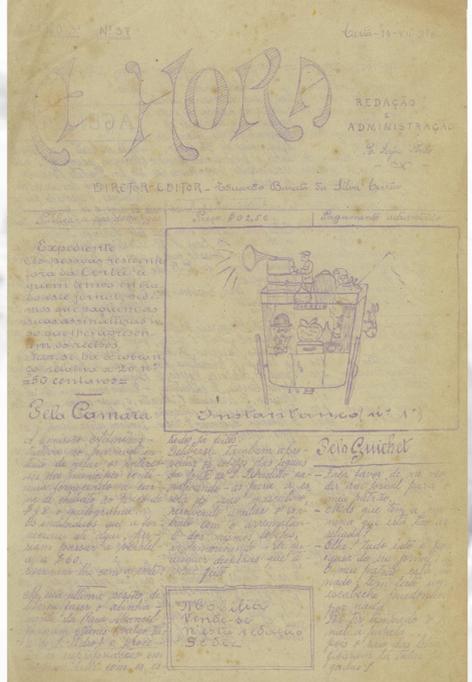


SEM PATRIA

Os cidadãos que vivem livres e felizes em qualquer parte do mundo são os que não têm pátria. Não há pátria para quem não tem o sentimento de amor ao seu país. Não há pátria para quem não se preocupa com o bem do seu país. Não há pátria para quem não se preocupa com o bem do seu país. Não há pátria para quem não se preocupa com o bem do seu país.

As tentativas monárquicas

Um dos aspectos mais interessantes da vida política da Sertã durante a I República foi o surgimento de tentativas monárquicas. Estas tentativas foram feitas por grupos de cidadãos que desejavam a restauração da monarquia. No entanto, estas tentativas não tiveram sucesso, devido ao apoio popular ao regime republicano.



A GUERRA

Os cidadãos que vivem livres e felizes em qualquer parte do mundo são os que não têm pátria. Não há pátria para quem não tem o sentimento de amor ao seu país. Não há pátria para quem não se preocupa com o bem do seu país. Não há pátria para quem não se preocupa com o bem do seu país.

Coisas e coisas

Um dos aspectos mais interessantes da vida política da Sertã durante a I República foi o surgimento de tentativas monárquicas. Estas tentativas foram feitas por grupos de cidadãos que desejavam a restauração da monarquia. No entanto, estas tentativas não tiveram sucesso, devido ao apoio popular ao regime republicano.



DR. ABILIO MARCAL

Um dos aspectos mais interessantes da vida política da Sertã durante a I República foi o surgimento de tentativas monárquicas. Estas tentativas foram feitas por grupos de cidadãos que desejavam a restauração da monarquia. No entanto, estas tentativas não tiveram sucesso, devido ao apoio popular ao regime republicano.

Importante iniciativa

Um dos aspectos mais interessantes da vida política da Sertã durante a I República foi o surgimento de tentativas monárquicas. Estas tentativas foram feitas por grupos de cidadãos que desejavam a restauração da monarquia. No entanto, estas tentativas não tiveram sucesso, devido ao apoio popular ao regime republicano.



Dr. Arnaldo Chaves Usach

Um dos aspectos mais interessantes da vida política da Sertã durante a I República foi o surgimento de tentativas monárquicas. Estas tentativas foram feitas por grupos de cidadãos que desejavam a restauração da monarquia. No entanto, estas tentativas não tiveram sucesso, devido ao apoio popular ao regime republicano.

Dr. Abílio Marçal

Um dos aspectos mais interessantes da vida política da Sertã durante a I República foi o surgimento de tentativas monárquicas. Estas tentativas foram feitas por grupos de cidadãos que desejavam a restauração da monarquia. No entanto, estas tentativas não tiveram sucesso, devido ao apoio popular ao regime republicano.



EXPEDIENTE

Um dos aspectos mais interessantes da vida política da Sertã durante a I República foi o surgimento de tentativas monárquicas. Estas tentativas foram feitas por grupos de cidadãos que desejavam a restauração da monarquia. No entanto, estas tentativas não tiveram sucesso, devido ao apoio popular ao regime republicano.

Método de trabalho

Um dos aspectos mais interessantes da vida política da Sertã durante a I República foi o surgimento de tentativas monárquicas. Estas tentativas foram feitas por grupos de cidadãos que desejavam a restauração da monarquia. No entanto, estas tentativas não tiveram sucesso, devido ao apoio popular ao regime republicano.



As nossas atividades

Um dos aspectos mais interessantes da vida política da Sertã durante a I República foi o surgimento de tentativas monárquicas. Estas tentativas foram feitas por grupos de cidadãos que desejavam a restauração da monarquia. No entanto, estas tentativas não tiveram sucesso, devido ao apoio popular ao regime republicano.

Um nobre exemplo

Um dos aspectos mais interessantes da vida política da Sertã durante a I República foi o surgimento de tentativas monárquicas. Estas tentativas foram feitas por grupos de cidadãos que desejavam a restauração da monarquia. No entanto, estas tentativas não tiveram sucesso, devido ao apoio popular ao regime republicano.

SENAO MUNICIPAL

Um dos aspectos mais interessantes da vida política da Sertã durante a I República foi o surgimento de tentativas monárquicas. Estas tentativas foram feitas por grupos de cidadãos que desejavam a restauração da monarquia. No entanto, estas tentativas não tiveram sucesso, devido ao apoio popular ao regime republicano.